

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; MURAKAWA, Clotilde de Almeida; BERLINCK, Rosane de Andrade e GUEDES, Marymarcia (orgs.). (2002). *Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüística*. Araraquara: Ed. Cultura Acadêmica / UNESP. 175p. (Série “Trilhas Lingüísticas”, n. 03)

Ronaldo de Oliveira Batista*

O livro apresenta textos de conferências apresentadas em duas edições do “Encontro de Estudos Diacrônicos do Português” (EDIP), realizadas na UNESP de Araraquara em 1999 e 2001. A reunião dos textos ocorre sob uma interessante proposta: aliar os estudos sobre a história da língua portuguesa e sobre a historiografia de obras dedicadas à análise / descrição / interpretação da língua portuguesa.

E a proposta é interessante porque é comum que os pesquisadores ligados à Lingüística Histórica ou à Historiografia da Lingüística vejam serem confundidas suas áreas de trabalho. Assim, Gladis Massini-Cagliari, uma das organizadoras, indica-nos na “Apresentação” (p. 7-10) que a coletânea pode não só mostrar as diferenças entre as áreas, mas também pode contribuir para uma aproximação entre os dois campos; o que seria desejável para o aumento do diálogo entre os lingüistas e para o enriquecimento das pesquisas nas duas áreas.

Trilhando essa proposta, a coletânea tem início com o artigo de Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora – Portu-

* Universidade Presbiteriana Mackenzie.

gal), tratando exatamente das diferenças e relações entre a história da língua portuguesa e da historiografia das obras e dos autores que descreveram a língua portuguesa. Ao encaminhar, de forma elucidativa, suas reflexões, Maria Filomena indica um possível corpus de trabalho para as duas áreas, não deixando de instigar a curiosidade científica daqueles interessados seja na história seja na historiografia da língua portuguesa, como ela define os dois campos.

De cunho historiográfico, apresentam-se trabalhos sobre o *Vocabulário Portuguez e Latino de Bluteau* (escrito também por Maria Filomena, p. 25-65); sobre a interação no século 17 entre gramáticas luso-brasileiras e as de línguas ameríndias, escrito por Maria do Céu Brás da Fonseca, pesquisadora da Universidade de Évora (p. 67-82). Esse trabalho oferece em poucas páginas um tratamento historiográfico ao mesmo tempo abrangente e satisfatoriamente analítico em relação às gramáticas missionárias ‘brasileiras’. Em inglês há o texto de Toru Maruyama (Universidade de Nanzan – Nagoya / Japão) sobre a gramática missionária do Padre João Rodrigues, escrita no século 17 (p. 83-95).

Entre os dois caminhos — o histórico e o historiográfico, por assim dizer — está o trabalho de Maria Carlota Rosa (UFRJ), ainda que agrupado pelas organizadoras com os artigos que nitidamente adotam o ponto de vista da lingüística histórica ou da filologia. Maria Carlota escreve sobre “Uma Arte Pera Aprender a Leer Quinhentista” (p. 141-157), analisando a parte inicial da *Cartinha para ensinar leer*, escrita no século 16. A análise da autora, que tem importantes trabalhos na historiografia lingüística portuguesa e ‘brasileira’ dos séculos 16-17, está voltada para o uso de letras maiúsculas e minúsculas, de pontuação, de espaços gráficos, indicando serem esses recursos criadores de “unidades hierárquicas que preparavam um iniciante na leitura”, considerando uma “tradição gráfica ainda plena de abreviaturas e de conglomerados gráficos”.

a) Voltados para a abordagem da História da Língua Portuguesa, há os artigos de:

Dieter Messner (Universidade de Salzburgo – Áustria), refletindo sobre questões de periodização da língua portuguesa (p. 97-117). Messner “repensa” trabalhos e opiniões a respeito da periodização na história da língua portuguesa. O ponto de vista do autor é crítico, como se pode notar pelo trecho “[s]e se comparam as denominações das épocas vemos que não só a maior parte dos autores utilizam os mesmo termos, mas também que estes termos não são genuinamente lingüísticos, mas sim literários. E a imitação prevalece sobre novos estudos” (p. 102). O trabalho de Messner insere-se num importante momento dos estudos brasileiros em lingüística histórica, área que vem recentemente experimentando maior afluxo de pesquisadores e interessados, depois de um tempo sem despertar a necessária atenção no cenário nacional. Essa análise fortemente crítica pode, enfim, colaborar para revisões e novas interpretações nos estudos sobre a história da língua portuguesa;

b) Heitor Megale (USP), tratando, a partir de A Demanda do Santo Graal — códice do século 15, sobre a presença de dois períodos do português arcaico numa mesma obra. Num texto de caráter filológico, o professor e pesquisador da USP destaca a utilização de códices para detectar e analisar fenômenos de variação e mudança lingüísticas;

c) Ana Paula Banza (Universidade de Évora), sobre percursos genéticos num texto do Padre Antônio Vieira. Também de caráter filológico, o texto analisa os procedimentos da escrita no texto vieiriano, observando, por exemplo, os diversos tipos de correção feitos pelo autor.

De fato, os trabalhos reunidos são, como já indicava Gladis Massini-Cagliari na apresentação, de grande qualidade, dando for-

ma a um livro homogêneo e instigante, no sentido de que indica um desejo de maior aproximação entre os trabalhos e os pesquisadores da História da Língua Portuguesa e da Historiografia de obras sobre a língua portuguesa.

Além da leitura proveitosa, o livro acaba por divulgar, pela própria qualidade dos textos, de forma adequada e convincente os encontros sobre os estudos diacrônicos do português.

Se é possível apontar um senão, ele vai para o cuidado da edição, que poderia ter evitado a utilização de fontes tão grandes para as chamadas dos textos, tornando o material poluído numa primeira folheada. Assim como a escolha da capa, que acaba por não dizer nem indicar nada a respeito do trabalho. E esses últimos comentários podem ser extensivos a muitas editoras universitárias que acabam por revelar descuidos quanto à edição de materiais extremamente relevantes do ponto de vista intelectual.